

## **CONSTRUÇÃO DA CATEGORIA SOCIAL ALUNO: PROCESSOS DE INCLUSÃO, SUBJETIVAÇÃO E DISCIPLINAMENTO**

**TRAVERSINI**, Clarice S. – UFRGS – clarice.traversini@ufrgs.br

**RODRIGUES** Maria Bernadette C. – UFRGS – crodrigues@cpovo.net

GT: Educação Fundamental / n.13

**Agência Financiadora:** Sem financiamento

Investigações realizadas por este grupo de pesquisa em escolas vinculadas ao projeto Escola Cidadã, da SMED de Porto Alegre, destacaram novas problemáticas surgidas em face da população presente hoje nestas instituições e agrupadas prioritariamente nas Turmas de Progressão, (TPs)<sup>1</sup>: crianças e jovens pobres, multirepetentes, alguns com *déficits* orgânicos e ou psicológicos, com carências materiais e afetivas graves, na maioria negros, muitos oriundos de Classes Especiais e ou internos da antiga FEBEM, meninos *de rua* e *na rua* – os “anormais” de Foucault (1989) e os “estranhos” de Bauman (1998).

O grupo concentra seus estudos nas implicações das políticas de inclusão nos processos de aprendizagem e socialização da população de incluídos. População esta presente prioritariamente nas TPs do Projeto Escola Cidadã.

Em uma abordagem de cunho etnográfico e sob a influência de instrumentos analíticos pós-estruturalistas, associados a Foucault, bem como de dimensões dos Estudos Culturais, novos temas foram selecionados para dar continuidade aos estudos. Tendo em vista a percepção de que é preciso dar aula para quem não sabe ser aluno e não está *naturalmente* disposto a fazer este papel e ainda que “a naturalização deste processo [tornar-se aluno] só se dá via ensinamentos” (Milstein e Mendes, 1999:103) o grupo privilegiou o estudo da construção dessa categoria - o tornar-se aluno. Investiga-se, de forma paralela, como vem se dando o disciplinamento dos alunos face a dificuldade de enfrentamento da questão disciplinar - controle e regulação - por parte de professores ditos progressistas, para quem o tema se apresenta como associado à repressão e ao autoritarismo. É também do interesse do grupo estudar como os processos de construção do sujeito aluno se identificam e ou se diferenciam dos processos de disciplinamento. Decidiu-se pois priorizar, nesta etapa, a análise dos dispositivos pedagógicos que estão sendo usados para subjetivar/constituir (disciplinar?) as crianças e jovens enquadrando-os na categoria social aluno, entendida como uma categoria cultural e não natural.

---

<sup>1</sup> São definidas, no projeto da SMED/POA, como turmas que abrigam estudantes com defasagem entre a idade cronológica e níveis de conhecimento. Abrigam estudantes com necessidade de um atendimento especializado, visando a enturmá-los, assim que possível, nas turmas regulares do ano-ciclo, desde que apresentem condições de continuar adequadamente sua socialização e estudos. Devendo nelas também se proceder à adaptação dos estudantes provenientes de outras escolas ou daqueles que não possuem escolaridade anterior.

Constata-se que procedimentos com vistas à construção da categoria social aluno não estão mais compondo as rotinas escolares, de forma intencional, como ocorria na escola moderna. Não se ensina mais cobram-se posturas de aluno, sem delinear-las com clareza, nesta época em que as relações se democratizaram nas escolas.

### **Situando a pesquisa**

A SMED/POA vem construindo um projeto de educação direcionado para a infância, a pré-adolescência e a adolescência das classes populares, procurando adequá-lo às suas características, interesses e necessidades.

A partir das pesquisas feitas na escola pioneira na implantação desse projeto de 1995 a 2002, foram percebidas as incidências de: patologias orgânicas, distúrbios de conduta - *necessidades educativas especiais*; problemas disciplinares; diferentes configurações familiares; notificações ao Conselho Tutelar; entre tantas outras.

Considerando tais constatações, no ano de 2002 iniciou-se uma nova etapa de estudos em uma escola da rede municipal de Porto Alegre, situada na zona sul, abrigoando em torno de 300 alunos, distribuídos em 14 turmas. Escola essa que vem inovando sua organização administrativo-pedagógica, em termos do uso dos espaços e tempos, e acreditando que esta estratégia vem minorando problemas de aprendizagem e indisciplina e qualificando a proposta da escola (Titton et al, 2001). Estabeleceu desde sua fundação uma política de ampliação de vagas, em parceria com a atual FASERGS, acolhendo alunos provenientes dessa instituição (moradores das *casas-lar*).

Os princípios orientadores da escola, construídos coletivamente, expressam a concepção de ensino-aprendizagem da instituição: *todos os alunos podem aprender; todos os alunos devem permanecer na escola; diferença não é deficiência; o trabalho em grupo qualifica a aprendizagem; e, aprendizagem e 'disciplina' não são aspectos excludentes, mas ocupam espaços diferentes.*

A pesquisa concentrou-se nas TPs, onde em geral estão os alunos mais velhos e residem os maiores problemas disciplinares e de aprendizagem. Green & Bigum (1995) apontam a necessidade de estudar as culturas juvenis, para compreender esta nova geração. Os estudos de Rodrigues (2005) centraram-se nas representações dos alunos sobre as referidas TPs e sobre a organização da escola por ciclos. Na etapa atual estão ainda sendo observadas as TPs (uma em cada um dos III Ciclos) e turmas dos anos-ciclo (uma em cada um dos Ciclos), para estabelecer um comparativo entre as práticas desenvolvidas nas TPs e nas turmas “regulares”.

Tendo em vista que o interesse continua sendo o processo de disciplinamento, está se privilegiando a análise de como a instituição vem promovendo a constituição da categoria social aluno nas suas práticas pedagógicas e disciplinares. Os escritos de Foucault (1990 e 2000) sobre as *tecnologias do eu* e as reflexões de Larrosa (1994) a partir dos mesmos estudos, estão servindo de suporte teórico.

Em uma perspectiva foucaultiana, os dispositivos pedagógicos estão implicados em processos de conhecimento da conduta humana, tendo em vista melhor administrá-la, viabilizando estratégias de regulação e governo. Essas afirmações remetem às discussões efetuadas por Foucault (1990:49) sobre o processo de governamentalidade, por ele assim definido: “[...] contato entre as tecnologias de dominação dos demais e as referidas a si mesmo”, projeto com o qual a escola moderna está comprometida (Donald, 2000).

Conforme Silva (1995), uma democracia liberal está baseada não só em estratégias externas de controle, mas no autogoverno dos indivíduos. O controle externo da conduta – *as tecnologias de dominação* – combina-se com o autocontrole – *as tecnologias do eu* – para produzir o sujeito autogovernável das sociedades modernas, “daí o estímulo a técnicas de autoconhecimento e a suas formas concretas, materiais, de expressão: diários, auto-exame, confissões, auto-avaliação...” (*ibid.*:192), várias dessas usadas nas escolas.

Considerando, a partir das afirmações de Donald (2000) e de Silva (1995), o processo de escolarização como o paradigma das modernas técnicas de governo que age acionando o conhecimento íntimo dos indivíduos que formam sua população e monitorando e direcionando sua conduta, procura-se identificar e analisar os dispositivos pedagógicos que estão implicados no processo de regulação e controle dos alunos das TPs, nesta época pós moderna.

*Dispositivos pedagógicos* está sendo usado no sentido proposto por Larrosa (1994:57):

qualquer lugar no qual se aprendem ou se modificam as relações que o sujeito estabelece consigo mesmo. [...] sempre que esteja orientado à constituição ou à transformação da maneira pela qual as pessoas se descrevem, se narram, se julgam ou se controlam a si mesmas.

### **Primeiras análises**

Nesta etapa tem-se a intenção de estudar o processo de governmentamento – as *tecnologias de dominação* e as *tecnologias do eu* – responsável pela constituição das crianças e jovens como alunos. Privilegia-se nestas análises as *tecnologias do eu* identificadas nas observações.

Para Larrosa (1994) entre as dimensões fundamentais que constituem os dispositivos pedagógicos está a narrativa, a modalidade discursiva essencial para a construção temporal da experiência de si e, portanto, da auto-identidade.

Na instituição observada, as chamadas *tecnologias do eu*, estão presentes na escola: nas rodas de conversa, nos processos de auto avaliação dos alunos e de avaliação coletiva da turma, nas falas dos alunos nos conselhos de classe, nas entrevistas dos alunos com a professora referência, com a orientadora educacional e ou com os demais membros da equipe diretiva da escola, seja em situações de conflito e ou de orientação, professoras que na instituição em questão participam diretamente na socialização (no disciplinamento?) dos estudantes. Refere-se às diferentes técnicas de autoconhecimento propostas na instituição, nas quais se produzem e se medeiam narrativas pessoais. Pode-se ver em funcionamento alguns desses mecanismos de produção de identidade quando os alunos são induzidos a escrever o que vêem em si mesmos, uma projeção de si mesmo em direção ao futuro, como foi possível observar nas práticas de Conselho de Classe do final do ano. É a subjetividade mesma dos alunos que se está constituindo através da imposição de certos padrões de autonarração.

Por sua vez, as *tecnologias de dominação* – ações sobre as condutas dos outros – são também referidas por Milstein e Mendes (1999) ao apontarem a importância de reflexão acerca do modo inicial de adaptação e inculcação dos alunos no espaço e no tempo escolar. Destacam critérios práticos que parecem ser adotados pelos professores e que incidem sobre a incorporação e naturalização de ritmos, momentos de início e fim de atividades, ocupação de lugares, deslocamentos e atendimentos às rotinas institucionais por parte dos alunos.

As observações realizadas nas TPs e nos Conselhos de Classe e as reuniões realizadas com a equipe diretiva e com o corpo docente da escola têm permitido perceber o quanto o diálogo é estimulado na instituição. Observa-se o quanto reside na oralidade as orientações acerca do como agir enquanto aluno. Outras práticas como: o lugar de cada aluno na sala, os horários como marcadores do tempo escolar, os critérios de deslocamento na escola, são exemplos de rotinas que vão sendo naturalizadas e constituindo a categoria aluno.

O aluno vai paulatinamente incorporando essas rotinas e percebendo que no tempo “restante” deverá dar conta das tarefas propostas. Daí algumas falas “*será que vai dar tempo para acabar, já está quase no horário do refeitório*”. Mesmo nesta escola em que há uma preocupação em romper com a fragmentação do tempo, o tempo se apresenta fragmentado para o aluno. As rotinas escolares vão se apresentando como prioritárias. O corpo vai se adaptando à fragmentação do tempo e ao enquadramento no espaço.

## REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Z. *O mal-estar da pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- DONALD, J. Liberdade bem-regulada. In: SILVA, T. T. (Org.). *Pedagogia dos Monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras*. Belo Horizonte: Autêntica, 2000. p. 61-87.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e Punir*. 7ª ed. Petrópolis: Vozes, 1989
- \_\_\_\_\_. *Tecnologias del yo y otros textos afines*. Barcelona: Paidós Ibérica, 1990.
- \_\_\_\_\_. A escrita de si. In: \_\_\_\_\_. *O que é um autor?*. 4. ed. Alpiarça: Passagens, 2000.
- GREEN, B.; BIGUM, C. Alienígenas na sala de aula. In: SILVA, T. T. (Org.). *Alienígenas na sala de aula*. Petrópolis: Vozes, 1995. p. 208-243.
- LARROSA, J. Tecnologias do Eu e Educação. In: SILVA, T. T. (Org.). *O sujeito da educação: estudos foucaultianos*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 35-86.
- MILSTEIN, D.; MENDES, H. *La escuela en el cuerpo: estudios sobre el orden escolar y la construcción social de los alumnos en escuelas primarias*. Madrid: Niño y Dávila, 1999.
- SILVA, T. T. Apresentação da obra. In: \_\_\_\_\_.(Org.). *Alienígenas na sala de aula: uma introdução aos estudos culturais em educação*. Petrópolis: Vozes, 1995.
- TITTON, M. B. P. et.al. Uma experiência de organização de espaços e tempos no 3º ciclo. In: SCHOLZE, L. (org). *Jornada de verão*. Porto Alegre: PMPA/SMED, 2001.